



NÃO PINTCHA

ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3726

B I S S A U

MORREU O PRESIDENTE NETO UM HERÓI DE DIMENSÃO MUNDIAL

● Sete dias de luto na Guiné-Bissau ● Condolências de Luiz Cabral

Editorial

AS MINHAS MÃOS COLOCARAM PEDRAS
NOS ALICERCES DO MUNDO
MEREÇO O MEU PEDAÇO DE PÃO.

A gloriosa luta do povo angolano, rica de feitos heróicos, regista também eventos trágicos que têm posto à prova a coragem e determinação exemplares dos militantes do MPLA. Hoje, aquele povo irmão vive o acontecimento mais doloroso da sua história contemporânea, com o brutal desaparecimento do seu guia incontável, Dr. Agostinho Neto, companheiro de Eduardo Mondlane e de Amílcar Cabral.

As grandes etapas da vida do Presidente do MPLA confundem-se intimamente com o longo itinerário do combate travado pelas forças patrióticas das nossas terras para fazer triunfar os ideais da independência, do progresso e do socialismo. A estatura política de António Agostinho Neto cedo se afirma, entre os nacionalistas que com ele fundaram, nos anos 50, as primeiras organizações unitárias na capital do então império colonial português. Dotado de extraordinária capacidade intelectual e de ardor revolucionário, marcou indelevelmente, com o cunho da sua personalidade, as sucessivas fases que, através da luta armada, iriam conduzir o povo angolano à conquista da independência nacional. O Dr. Agostinho Neto, distinguindo-se pela sua intransigência na aplicação das opções ideológicas assumidas pelo MPLA — Partido do Trabalho — ergueu Angola a lugar de primeiro plano no horizonte político da África e do Mundo.

Em hora tão dolorosa para o povo irmão de Angola e da Guiné-Bissau, é nosso dever imperioso meditar na vida e obra do Dr. Agostinho Neto e render homenagem ao revolucionário, ao inesquecível líder do povo angolano, ao poeta cujo exemplo perdurará na memória de todos os africanos e da humanidade progressista.

Tal como ele visionou num poema da juventude, as mãos de Agostinho Neto colocaram pedras nos alicerces do mundo.



O camarada Agostinho Neto, Presidente do MPLA — Partido do Trabalho e dirigente máximo da luta angolana, faleceu no dia 10 do corrente em Moscovo, às 14 horas e 20 minutos.

O Presidente da República Popular de Angola partira para a capital da União Soviética na quinta-feira, acompanhado de sua esposa, camarada Maria Eugénia Neto, com o objectivo de fazer tratamento à grave doença de que padecia. Dado o adiantado da doença, acedeu a ser submetido a uma intervenção cirúrgica, vindo a falecer pouco tempo depois.

A notícia foi confirmada em comunicado do Bureau Político do MPLA, que já tinha destacado para Luanda, dois dos seus elementos, Lúcio Lara e Pascoal Luvualu, para acompanhar o Presidente da República Popular de Angola, nesta hora trágica.

Este doloroso desenlace para a África revolucionária e para toda a humanidade progressista, provoca profunda emoção em todo o mundo. Em Bissau, o nosso Governo decretou luto nacional com o objectivo de fazer encerramento de todas as casas de espectáculos e todos os recintos de diversões. Além disso, o Conselho de Comissários emitiu um comunicado, em que se expressa inteira solidariedade aos militantes do MPLA e ao povo angolano.

O camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado da Guiné-Bissau, enviou um telegrama de condolências ao Bureau Político do Comité Central, manifestando «a maior dor e angústia pela morte prematura do nosso camarada de luta e amigo, Dr. António Agostinho Neto».

Outra mensagem do camarada Secretário-Geral-Adjunto do PAIGC, foi enviada à viúva do Presidente Neto, camarada Maria Eugénia Neto.

«Venho exprimir-lhe as minhas mais sentidas condolências — diz o camarada Luiz Cabral — e um abraço amigo, quero desejar-lhe que possa reunir a coragem e a serenidade para suportar esta perda cruel que a vida impôs a todos nós, com o desaparecimento do querido dirigente do povo angolano e da África de que foi a companheira constante e amiga».

Em Luanda, foi entretanto anunciada a nomeação de José Eduardo dos Santos, para exercer as funções de Presidente da República, até à nomeação definitiva do novo Chefe de Estado.



Agostinho Neto, um homem de acção e um poeta que canta as realidades da África



Neto e Luiz Cabral: Consolidar e reforçar na Reconstrução as vitórias alcançadas na luta comum contra o colonialismo português

O engajamento político do homem e do escritor

Este poeta não precisa de ser apresentado como homem, pois o seu nome é respeitado em todo o mundo progressista e, noutra parte deste livro, são traçados os contornos da sua biografia até à data. No entanto, o poeta é respeitado como homem de acção — eis como o mundo conhece Agostinho Neto, tanto o mundo progressista como o outro. Como portavoza de um povo que luta pela liberdade, tornou-se figura simultaneamente amada e temida. É amado ou temido como chefe de uma luta pelo futuro, luta que tem de ser empreendida por todos os homens de todos os tempos e lugares, e também por todas as mulheres, repelindo o passado e transformando o presente.

O poeta é todas estas coisas, com uma pureza de objectivos e uma coragem que são inseparáveis do homem que foi e em que veio a transformar-se. No entanto, Neto é também inelutavelmente, um poeta: é na sua poesia, como acontece com a poesia de outros como ele, que encontramos as chaves para tudo o resto.

Que é que dá forma e estilo a um homem destes? Onde estão, nas paredes nuas e nas barreiras da opressão, da confusão e da corrupção, as portas salvadoras da compreensão e do engrandecimento através das quais o singular se transforma em plural, o pequeno se transforma em grande e a solidão se povoa de humanidade? E, encontradas essas portas, onde estão as forças capazes

de abri-las de par em par e de arrastar a acólher o poeta para lá delas? Estes poemas têm muito para nos dizer a respeito das respostas a estas perguntas.

Falam-nos de um homem que nasceu no interior dos muros e barreiras da opressão e que, mais tarde, atingida a maturidade, foi frequentemente encerrado em prisões por recusar a autoridade desses muros e por desafiá-los com uma força própria, força que tentaram, infrutiferamente, sustentar e esmagar. Os poemas revelam que a força deste homem reside na sua íntima identificação com a verdade do seu povo, por mais dura e até terrível que esta seja, de modo que a sua visão encontrou as portas da compreensão e do engrandecimento e atravessou-as, triunfante, mesmo quando a opressão atingira o auge. São, pois, os poemas de um humanismo profundo que expressam um inextinguível amor da vida.

Todavia, o poeta sabe que é mais do que isso: ele vê, entende, e, por conseguinte, reflecte as labutas e a resistência do seu povo, as suas necessidades e a sua condição, as suas atribuições e a sua determinação.

Noutro poema, também dos primeiros tempos, Neto fala das sombras de homens que cruzam a sua mente, as sombras daqueles que sofreram o passado e daqueles que transformarão o presente.

É assim que, estes poemas, fruto de muitos anos difíceis, se mantêm com-

pletamente imunes à influência da amargura ou da mágoa, do ódio ou da frustração pessoais, celebrando a história trágica de um povo, assim como a vitória sobre esta tragédia. Nada deles me parece mais tocante do que a sua insistente visão da verdadeira origem e destino dos homens, por mais dolorosa que seja a sua vida de miséria, medo e desespero. É uma visão que penetra nas profundezas da miséria, vence as trevas em que essa miséria persiste e consegue, apesar disso, atingir a luz:

Eu vivo
nos bairros escuros do
[mundo
sem luz nem vida
Vou pelas ruas
às apalpadelas
encostado aos meus in-
[formes sonhos
tropeçando na escravi-
[dão
ao meu desejo de ser...

Cânticos de mágoa e ao mesmo tempo de alegria. Poemas de partida e ao mesmo tempo de chegada. Ainda que sejam altamente políticos, a sua mensagem não tem nada a ver com os maquinismos políticos, e muito menos, se tal fosse possível, com os clamores ocultos da propaganda. Se forem tomados como poemas políticos, então são políticos no sentido em que Shelley escreveu poemas políticos, Hikmet escreveu poemas políticos e Guillén e outros escreveram poemas políticos: palavras e ritmos que se transformaram em parte

viva da herança autocrênça do nosso mundo. Seguindo o caminho das estrelas, o seu lirismo e até os sonhos conduzem-nos sempre à contemplação real. Os seus poemas são belos sem serem bonitos. São finamente trabalhados sem serem habilidosos. E em caso algum cedem à ostentação.

Para além de tudo isto, são africanos e de uma

maneira tão inelutável e como o homem de acção é poeta. Cantam as realidades de África, são parte de África e dizem respeito a África. Contudo, são mais do que isso. São também universais e de uma forma tão inelutável como a semente está ligada à flor, a árvore ao fruto, o poeta ao poema.

BASIL DAVIDSON

As Terras Sentidas

As terras sentidas de África
nos ais chorosas do antigo e do novo escravo
no suor aviltante do batuque impuro
de outros mares
sentidas.

As terras sentidas de África
na sensação infame do perfume estonteante da flor
esmagada na floresta do ferro e do fogo
as terras sentidas

As terras sentidas de África
no sonho logo desfeito em tinidos de chaves cercereiras
e no riso sufocado e na voz vitoriosa dos lamentos
e no brilho inconsciente das sensações escondidas
das terras sentidas de África

Vivas
em si e conosco vivas
Elas fervilham-nos em sonhos
ornados de danças de embondeiros sobre equilíbrios
de antílope
na aliança perpétua de tudo quanto vive
Elas gritam o som da vida
gritam-no
mesmo nós cadáveres devolvidos pelo Atlântico
em oferta pútrida de incoerência e morte
e na limpidez dos rios.

Elas vivem
as terras sentidas de África
no som harmonioso das consciências
incluídas no sangue honesto dos homens
no forte desejo dos homens
na sinceridade dos homens
na razão pura e simples da existência das estrelas

Elas vivem
as terras sentidas de África
porque nós vivemos
e somos as partículas imperecíveis
das terras sentidas de África

(Do livro *Sagrada Esperança*)

António Agostinho Neto, nasceu em 17 de Setembro de 1922, na aldeia de Kaxikane, a cerca de 60 quilómetros de Luanda. O pai era pastor protestante e como a mãe, professor. Após ter concluído o curso liceal em Luanda, trabalhou nos serviços de saúde. Viria a tornar-se rapidamente uma das figuras proeminentes do movimento cultural nacionalista que, durante os anos quarenta, conheceu uma fase de vigorosa expansão.

Decidido a formar-se em Medicina, Neto de lado, parte dos seus magros proventos dedicou vários anos e foi nessas economias que financiou a sua viagem para Portugal em 1947, e se matriculou na Faculdade de Medicina de Coimbra.

Cedo se embelesou em actividades políticas.



MP
O MPLA, vanguarda do povo angolano, de Agostinho Neto foi tu...
dor e um dos militantes mais exemplares, continua a ser um importante instrumento da luta anti-imperialista, para a instauração de um novo regime. Eis algumas páginas da sua luta gloriosa.
1956 — Em 10 de Setembro criou-se o MPLA em resultado da fusão do PLUA (Partido de Libertação Unida de Angola) e do MIA (Movimento para a Independência de Angola).

1961 — 4 de Fevereiro levantamento popular contra a opressão e a exploração dos exploradores. O povo lança-se heroicamente ao assalto das p...

Uma vida ao serviço da Revolução

e experimentou a prisão pela primeira vez, em 1951, ao ser preso quando reunia assinaturas para a Conferência Mundial da Paz, em Estocolmo.

Retomando as actividades políticas após a sua libertação, Neto tornou-se representante da juventude das antigas colónias portuguesas junto de um movimento da juventude portuguesa, o MUD juvenil. E foi no decurso de um comício de estudantes a que assistiam operários e camponeses, que a PIDE o prendeu pela segunda vez, em Fevereiro de 1955, vindo a ser posto em liberdade em Junho de 1957.

O caso da prisão do poeta angolano desencadeou uma vaga de protestos em grande escala.

Em 1958, Agostinho Neto doutorou-se em Medicina e casou no próprio dia em que concluiu o curso. Nesse mesmo ano, foi um dos fundadores do clandestino Movimento Anticolonial (MAC), que reuniu patriotas oriundos das diversas colónias Portuguesas.

Neto voltou ao seu país, com a mulher, Maria Eugénia, e o filho de tenra idade, em 30 de Dezembro de 1959. Ocupou então a chefia do MPLA em território angolano e passou a exercer a medicina entre os seus compatriotas.

Sucederam-se novas prisões em Julho de 1959, incluindo a de Ilídio Machado, um dos réus do célebre Julgamento dos Cinquenta, julgamento militar secreto em que foram aplicadas severas penas a destacados mili-

tantes do MPLA, alguns dos quais foram julgados à revelia, dado que haviam já optado pelo exílio.

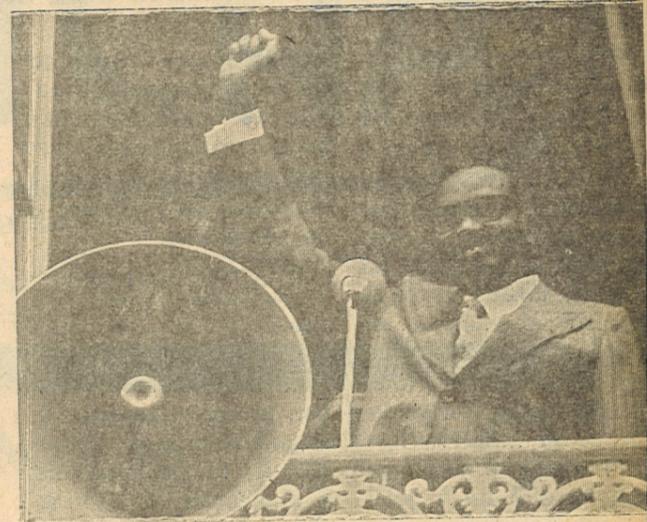
Em 8 de Junho de 1960, o director da PIDE veio pessoalmente prender Neto no seu consultório em Luanda. O que se seguiu foi um exemplo típico da brutalidade assassina praticada pelas autoridades fascistas. Uma manifestação pacífica realizada na aldeia natal de Neto, em protesto contra a sua prisão, foi recebida pelas balas da polícia. Trinta mortos e duzentos feridos foi o balanço do que passou a designar-se pelo Massacre de Icoló e Bengo.

Receando as consequências que podiam advir da sua presença em Angola, mesmo encontrando-se preso, os colonialistas transferiram Neto para uma prisão de Lisboa e, mais tarde, enviaram-no para Cabo Ver-

são, sucedeu uma repressão brutal.

Algumas fotografias dos massacres subsequentes chegaram à Imprensa estrangeira. E foi precisamente por mostrar uma dessas fotografias a alguns amigos em Santiago que Neto foi preso na cidade da Praia e transferido depois para a prisão de Aljube, em Lisboa, onde deu entrada em 17 de Outubro de 1961.

O MPLA lançou uma implacável campanha em prol da sua libertação, apelando para a solidariedade mundial para com Neto e todos os prisioneiros políticos angolanos. Sob esta forte pressão, as autoridades fascistas viram-se obrigadas a libertar Neto em 1962, fixando-lhe residência em Portugal. Todavia, pouco tempo depois da sua saída da prisão, a eficaz organização do MPLA pôs em prática um plano de



O pensamento e a acção de um líder

NÓS O MPLA, NÓS O POVO, NÃO TEMOS MEDO. OS ANGOLANOS RESISTIRÃO A TODA E QUALQUER INVASÃO IMPERIALISTA, O INIMIGO PODE VIR DA EUROPA COM OS SEUS AVIÕES.

ELE PODE VIR DA ÁFRICA DO SUL. ELE PODE LANÇAR BOMBAS SOBRE O NOSSO PAÍS. MAS QUE ESSE INIMIGO NÃO PENSE QUE NÓS, ANGOLANOS, VAMOS NOS SUBMETTER.

OS ANGOLANOS RESISTIRÃO.

Estas palavras lapidares do falecido Presidente Agostinho Neto, pronunciadas nas horas decisivas de 1975, quando o valente povo de Angola, sem ter tempo de saborear a vitória da primeira Guerra de Libertação sobre o colonialismo português, tinha de fazer face à agressão imperialista sul-africana, definem a personalidade e o pensamento tenaz, lúcido e corajoso do inesquecível dirigente angolano.

Neto tinha razão. Os angolanos resistiram. No dia 11 de Novembro, era proclamada a República Popular de Angola, com os racistas às portas de Luanda. No exemplo heróico e histórico dos seus antepassados — Ngola Kiluange, Jinja e Ngola Kanini — Agostinho Neto colocou-se à frente dos patriotas angolanos, que responderam ao seu apelo para defenderem essa primeira vitória nos tormentos de uma segunda Guerra de Libertação: era a Resistência Popular Generalizada, que tinha em Neto a sua alma viva.

Expulsos os agressores racistas em 27 de Março de 1976, Agostinho Neto traça esclarecidamente os objectivos da reconstrução nacional:

«A reconstrução nacional é um dos factores fundamentais da nossa revolução. Saímos da mente do colonialismo para penetrar na claridade da Revolução. Abandonamos as formas tradicionais de organização social, com o objectivo de construir uma sociedade moderna e de pôr termo à exploração do homem pelo homem».

«No nosso ponto de vista, construir um país não quer dizer simplesmente fazer casas ou estradas, mas essencialmente transformar a mentalidade do ser humano a fim de que ele se considere como um homem digno, útil à sociedade».

Na prática da revolução, no contexto de um país subdesenvolvido face à agudização da luta de classes, assiste em Angola a uma tentativa da tomada do poder pela pequena-burguesia reaccionária. Agostinho Neto toma o partido dos operários e camponeses.

«Em primeiro lugar precisamos resolver os problemas do povo, e não dizer, das grandes massas de trabalhadores, operários e camponeses». Neto tinha os problemas do povo. Apontando a necessidade da criação da Assembleia do Povo institucionalizaria o Poder Popular, o dirigente angolano dizia, já em 1975:

«Os operários e os camponeses estão ansiosos por poderem participar nas decisões fundamentais do nosso país. E temos de organizar a forma a que os chamados organismos do poder popular sejam englobados numa organização central de ter na cúpula a Assembleia Popular que de

(Continua na pág. 4)



23 anos de luta

soes de Luanda.

1962 — Em Dezembro — realiza-se a primeira Conferência Nacional do MPLA, ainda em Kinshasa, onde se decidiu que a presidência passará para as mãos de Agostinho Neto, que sucede a Mário de Andrade.

1963 — O governo reaccionário do Congo expulsa o MPLA de Kinshasa. A partir de então, a sede do MPLA passa para o Congo-Brazaville.

9 de Janeiro — inicia-se a luta em mais uma frente — a de Cabinda — segunda Região Político-Militar.

1964 — Em Janeiro tem lugar uma conferência de quadros que defende a guerra popular de

longa duração como uma estratégia a seguir pelo MPLA. E neste ano que, no quadro internacional, o MPLA consegue ser reconhecido pela OUA.

1966 — A 18 de Março surge mais uma frente de combate — a terceira Região Político-Militar que abrange os distritos do Moxico e Cuando-Kubango.

1968 — Em 3 de Janeiro, o Comité Director do MPLA toma a histórica decisão de mudar a sua sede para o interior de Angola.

Em 17 de Julho, a OUA reconhece o MPLA como o único representante do povo angolano.

(Continua na pág. 4)

de, para Santo Antão e depois para Santiago, onde continuou a exercer a medicina sob constante vigilância policial. Foi, durante este período, eleito Presidente do MPLA.

As primeiras horas do dia 4 de Fevereiro de 1961, as prisões de Luanda foram assaltadas por um grupo de patriotas munidos de catanas e armas de fogo, algumas das quais capturadas durante um ataque realizado antes, contra um jeep da polícia. Se bem que os assaltantes não tivessem conseguido os seus intentos, este acto de coragem dirigido contra os baluartes da opressão, foi a primeira salva da luta armada que alastraria pelo território angolano, conduzida pela determinação de homens e mulheres preparados para superar todas as dificuldades de uma das lutas armadas de maior duração em África. A esta explo-

rasão e Neto saiu clandestinamente de Portugal com a mulher e os dois filhos pequenos, chegando a Leopoldville (Kinshasa), onde o MPLA tinha ao tempo a sua sede exterior, em Julho de 1962. Em Dezembro desse ano, foi eleito presidente do MPLA durante a Conferência Nacional do Movimento.

Desde essa altura, Agostinho Neto encabeçou sempre a luta do povo angolano dirigida pela sua vanguarda revolucionária o MPLA, primeiro contra o colonialismo português e, depois, já na segunda fase, contra os movimentos fantoches de Roberto e Savimbi. Após a proclamação da independência de Angola, em 11 de Novembro de 1975, Agostinho Neto foi nomeado, por decisão do Comité Central do MPLA, Presidente da República Popular de Angola.

Comunicado do Conselho de Comissários de Estado

Uma dor profunda abala os corações do povo de Angola, do povo da Guiné-Bissau, da África e de toda a Humanidade progressista: o falecimento às 14 horas e 20 minutos do dia 10 de Setembro, do dirigente amado do povo Angolano, o eminente revolucionário, o nosso querido camarada de luta, Dr. Agostinho Neto, Presidente do MPLA-Partido do Trabalho e da República Popular de Angola.

Com o súbito desaparecimento do companheiro Agostinho Neto, o povo Angolano perde o guia que conduziu a sua heróica luta de libertação nacional, o esclarecido homem político que tão vincadamente inscreveu Angola no concerto das Nações livres e progressistas do nosso Continente, o militante exemplar que definiu e defendeu

as opções que fizeram do MPLA, o Partido que traduz as aspirações das massas camponesas e trabalhadoras de Angola, a liberdade, ao progresso e ao socialismo.

Os nossos povos da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, de Moçambique e S. Tomé e Príncipe, neste momento doloroso, conhecem a morte daquele revolucionário cuja contribuição, foi decisiva para a liquidação da dominação colonial portuguesa.

A figura do presidente do MPLA, pela sua fidelidade aos princípios da Unidade Africana e determinação em defesa da liberdade dos povos do nosso continente, adquiriu uma dimensão que o colocam, justamente, entre os heróis Africanos que marcam a história deste século.

O seu pensamento po-

lítico e a sua obra intelectual conjugaram-se numa personalidade que se impôs à escala internacional como ardente revolucionário e poeta, que soube sempre exprimir com sensibilidade os combates e as aspirações dos povos.

Profundamente irmanado na dor que atinge o povo de Angola, o Conselho de Comissários de Estado da República da Guiné-Bissau está convicto de que os ensinamentos legados pelo Presidente Agostinho Neto, perdurarão em cada um dos militantes do MPLA-Partido do Trabalho, assegurando a continuidade da Revolução angolana.

O povo irmão de Angola, que se tem caracterizado pela sua coragem e determinação em enfrentar situações adver-

sas da história da sua luta, saberá inspirar-se no exemplo do companheiro Agostinho Neto, para cerrar fileiras em torno do MPLA-Partido do Trabalho e da sua direcção, para assim prosseguir na linha que lhe foi traçada pelo seu primeiro dirigente.

Nesta dolorosa ocasião, o Conselho de Comissários de Estado da República da Guiné-Bissau exprime o seu profundo pesar aos militantes do MPLA-Partido do Trabalho e ao povo de Angola e reafirma a sua solidariedade e confiança no nosso combate comum, pelo qual o Camarada Agostinho Neto consagrou abnegadamente toda a sua vida.

Feito em Bissau, aos
11 de Setembro de
1979.

Agostinho Neto por Aristides Pereira

O camarada Aristides Pereira referiu-se à personalidade exemplar do Presidente Neto, numa cerimónia em Luanda, a 24 de Outubro último nos seguintes termos:

«Não queria deixar de ressaltar, neste momento, a figura invulgar do combatente africano, aqui presente, o Camarada Presidente Agostinho Neto. Mais de vinte anos de luta têm-lhe provado a têmpera, a dedicação e a coragem. É preciso ser dotado de rara tenacidade para ultrapassar, vitorioso, como Neto fez, mais de vinte anos de privações variadas desde a prisão colonialista ao próprio desterro, a canseira da mata, às agruras do exílio, o veneno da traição. É necessário ser-se possuidor de uma coerência de princípios e de seriedade invulgares para manter as opções da sua pureza revolucionária e evitar os desvios fáceis dos caminhos do compromisso e da ambiguidade. Podemos imaginar a sabedoria e a prudência que se tornaram necessárias para dirigir outrora o Movimento de Libertação e que hoje se exigem para conduzir este grande País em segurança, para os objectivos fixados».

«A figura de Neto, de igual que a Revolução Angolana, ultrapassa as fronteiras deste País e da África e adquire a dimensão mundial, o herói que prossegue inalterável um dos mais nobres ideais da humanidade; restituir a todo um Povo o direito de ser Nação e, como tal, construir com os seus próprios meios, a forma de sociedade que livremente escolheu».

Telegrama de Luiz Cabral

Foi com a maior dor e angústia que tivemos conhecimento da morte prematura do nosso camarada de luta e amigo Dr. António Agostinho Neto, Presidente do MPLA — Partido do Trabalho — e Presidente da República Popular de Angola.

Em nome do nosso povo, dos militantes do nosso Partido, do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau e em meu próprio nome, venho exprimir as nossas sentidas condolências ao povo angolano irmão, aos militantes e dirigentes do MPLA — Partido do Trabalho — e ao Governo da República Popular de Angola. Pedindo que sejam intérpretes junto das famílias os nossos sentimentos de dor, simpatia e mais sentidas condolências, reafirmamos a nossa total confiança de que os militantes do MPLA — Partido do Trabalho — cerrarão fileiras em torno da sua direcção, inspirados no amor e abnegação do grande filho do povo angolano e da África, para continuar a obra grandiosa iniciada pelo camarada Presidente Agostinho Neto, herói da luta de libertação dos nossos povos, companheiro de combate e grande amigo do povo da Guiné-Bissau.

MPLA: 23 anos de luta

Cont. das centrais)

1969 — Em 6 de Junho é aberta a quinta Região Política-Militar, que compreende a área do distrito de Bié.

1971 — Neste ano, a cimeira dos chefes de Estado da OUA decide retirar o reconhecimento ao GRAE, o dito governo angolano no exílio.

1972 — O povo do extremo-sul de Angola, sob a direcção do MPLA, desencadeia, a 12 de Janeiro, a luta armada contra o colonialismo português, em coordenação com a luta conduzida pelo povo namibiano contra a África do Sul.

1974 — A 1 de Agosto, 83 comandantes deci-

dem proclamar as Forças Populares de Libertação de Angola (FAPLA).

Em 21 de Outubro foi assinado o acordo de tréguas entre o MPLA e as forças armadas portuguesas.

1975 — Em 10 de Janeiro é assinado o Acordo do Alvor, que determina a forma do novo governo de Angola.

Em 4 de Fevereiro, Agostinho Neto regressa triunfalmente a Luanda.

Em 26 de Julho, face à invasão zairo-sul-africana, o Bureau Político proclama a «Resistência Popular Generalizada».

11 de Novembro — proclamação da independência da República Popular de Angola.

Último discurso público do Presidente Agostinho Neto

“As grandes tarefas da Revolução dependem do povo”

Apresentamos aos nossos leitores extractos do último discurso pronunciado pelo Presidente Agostinho Neto, durante a visita efectuada à Província de Uije, em fins de Agosto último

É uma grande satisfação para todos nós estarmos aqui reunidos mais uma vez. É uma grande satisfação, porquanto, as grandes tarefas da Revolução dependem de todos nós, dependem daqueles que estão empenhados na produção, os camponeses, os operários, de todos aqueles que constituem as Forças Armadas, os combatentes das F.A.

L.P.A., os combatentes da ODP, de todos aqueles que estão empenhados em resolver alguns dos serviços mais importantes do nosso País e do nosso Povo...

... Não se pode pensar na organização do País sem o Partido e quando nós temos uma organização partidária dirigente, capaz de analisar suficientemente todos os fenómenos políticos e sociais, nós podemos dar-nos por satisfeitos e podemos

pensar, que através deste Comité Provincial, através dessa cabeça do Partido da província, nós poderemos resolver muitos problemas. E evidente que nem todos podem pertencer ao Partido, nem todos têm a capacidade, nem a vontade e não é necessário obrigar cada um a pertencer ao Partido. É necessário que no Partido estejam aqueles que realmente podem seguir as orientações do nosso Congresso do Comité Central; aqueles que sintam a capacidade de adoptar as orientações que vão sendo traçadas. Nem todos têm essa capacidade e vamos,

portanto, admitir no Partido o máximo possível de elementos válidos, mas não invejamos — isso não seria correcto — que toda a gente pertença ao Partido.

Agora temos outros objectivos. Vamos continuar a organizar o Partido, as organizações de massas, como a OMA, os pioneiros, a JMPLA, vamos organizar mais cooperativas, vamos organizar todo o povo, para que as palavras de ordem do Partido sejam de facto aplicadas em toda a parte.

Acção de um líder

Cont. das centrais)

rá sobre as leis que vão servir de base à vida do nosso país, no futuro».

Falando em Agosto deste ano, na comemoração do quinto aniversário das FAPLA, Neto disse que já tinham sido encontradas em Angola «as condições para a criação de uma Assembleia Nacional Popular».

A unidade e a independência do Partido foram sua preocupação constante. Sobre o assunto, disse em Janeiro passado: «Ultimamente, fizemos algumas transformações tanto na estrutura partidária

ria como na estrutura governamental. (...) também não será independente».

A realidade da África Austral em luta, não passou despercebida à acção e pensamento de Agostinho Neto, na sua missão de estadista:

«Nenhum país africano deve considerar-se em paz, enquanto tivermos um inimigo tão poderoso, tão agressivo e tão constante na sua acção hostil com os outros povos, como é a África do Sul».

Para os povos da Namíbia, Zimbábue e África do Sul, ia toda a solidariedade militante de Angola e de seus dirigentes.